

## REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

Andrade, Manuel Correia de (org.) – Confederação do Equador. Recife, Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1988. 78p.

O presente volume reúne conferências proferidas no seminário sobre a Confederação do Equador, realizado em 23 de novembro de 1984. Além da introdução do organizador do volume, contém: Uma proposta de regime representativo-federativo para o Brasil (Luís Henrique Dias Tavares); História nacional e história dos vencidos: a propósito da Confederação do Equador (José Luís Foresti Werneck da Silva); A Confederação do Equador no processo de independência do Brasil: aspectos das relações internacionais (Glacyra Lazzari Leite); 1817-1824: definição e redefinições (Antônio Jorge de Siqueira); Padre Mororó, ideólogo da Confederação do Equador (João Alfredo de Souza Montenegro); A atualidade da Confederação do Equador: as vicissitudes do liberalismo de 1824 a 1984 (Aspásia Camargo); Como salvar a Confederação do Equador dos alquimistas do liberalismo radical (Jorge Zaverucha); Relação bibliográfica sobre a Confederação do Equador. Cedamos a palavra ao Professor Manuel Correia de Andrade, organizador da publicação: “A Confederação do Equador foi um dos eventos mais importantes da história brasileira e, neste livro, ela é analisada nos seus mais diversos aspectos, dentro de uma linha objetiva e crítica. Nestes ensaios se procura compreender a linha mestra do pensamento de figuras exponenciais da história brasileira, como Frei Caneca, que foi, inegavelmente, a figura principal, como ideólogo, do movimento. Também se procura analisar o verdadeiro caráter de um movimento revolucionário que eclodiu dois anos após a proclamação da Independência do país e que representou uma reação contra a política absolutista conduzida pelo primeiro Imperador. Os nordestinos, que haviam saído de uma rebelião republicana (1817) e de uma luta para expulsar os últimos representantes da metrópole, na província (Junta de Goiana e Convenção de Beberibe, 1821), temiam, em face da ameaça da restauração do absolutismo, que a Independência resultasse de uma simples substituição da velha metrópole (Lisboa) pela nova metrópole (Rio de Janeiro). Trata-se, assim, de um livro muito oportuno, em que a questão regional é analisada com frieza e

objetividade, sendo portanto de grande importância para a orientação de reflexões, no momento em que vivemos” (Cortesia do Professor Fernando da Cruz Gouvêa, Recife).

Barbosa, Fidélis Dalcin – Rita Amada de Jesus: fundadora da Congregação Jesus Maria José. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1988. 164p.

Autor de diversos livros de interesse para a história do Rio Grande do Sul, dispôs-se agora a escrever a biografia de uma devota religiosa portuguesa, a Irmã Rita Amada de Jesus, fundadora, em fins do século passado, da Congregação posta sob a invocação de Jesus-Maria-José. Mas, ao contrário do que possa dar a entender o título, o livro não cuida somente da fundadora da Congregação, mas trata da própria história da sua organização nos muitos e muitos anos (mais se setenta) que nos separam do falecimento de Irmã Rita. Assim, por exemplo, metade do livro é dedicada ao trabalho da Congregação no Brasil, onde se estabeleceu pouco antes do falecimento da Fundadora, justamente por causa das perseguições religiosas movidas pelo regime republicano implantado em Portugal em 1910: “Diante da impossibilidade de prosseguir batalhando em terras de Portugal, a Fundadora pensa abrir campo de batalha em outra parte, em outro país. Pensa no Brasil, onde existe completa liberdade religiosa e onde vivem milhões de portugueses, sendo alguns irmãos de suas filhas espirituais. Um campo imenso, o Brasil, arena de dimensões continentais, onde sua obra poderá expandir-se e dilatar-se ao infinito”. Em fins de 1912, desembarcam as primeiras Irmãs em Santos, donde seguem para o Norte do Estado: Igarapava, Ribeirão Preto, Jardinópolis, Franca, Patrocínio do Sapucaí (atualmente Patrocínio Paulista), São Simão e outras cidades. A própria sede da Congregação é transferida para o Brasil, com a casa-matriz em Franca, donde, posteriormente, veio para Santo Amaro, em São Paulo. Em toda a parte, fundaram escolas (quase todas chamadas Jesus Maria José), e de São Paulo foram para outros Estados: Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso... E também para a África. É esta crônica interessantíssima (e pouco conhecida) que o autor rio-grandense nos mostra neste livro bastante singelo, mas de muito interesse para a história religiosa do Brasil, ou de parte dele. ONM (Cortesia da Editora).

Bastos, Wilson de Lima – Os sírios em Juiz de Fora, Pref. Almir de Oliveira. Juiz de Fora, Paraibuna, 1988. 252p.

O estudo da composição étnica de Juiz de Fora e do desenvolvimento dos diferentes grupos culturais que formam a sociedade juiz-forense, é um dos propósitos do Instituto Histórico e Geográfico

de Juiz de Fora, que tem hoje como presidente o autor deste livro. E ninguém dentre os membros do Instituto, melhor que o professor Wilson de Lima Bastos para dar início aos estudos e às pesquisas destinadas a esse propósito. Juiz de Fora é um composto étnico variado no qual entram portugueses, negros, alemães, italianos, espanhóis, sírios e libaneses como elementos fundamentais. Os dois primeiros respondem pelo desbravamento e pela instalação dos primeiros estabelecimentos agropecuários na região. Os dois seguintes respondem pelo desenvolvimento dessas atividades, com os dois primeiros, e pelo início do processo industrial, ainda com aqueles. Os demais dão impulso à atividade comercial e, a seguir, também à industrial. De par com isso, como não podia deixar de acontecer, todos esses grupos trouxeram para a sociedade juiz-forense o contributo de suas culturas originais e aqui também se aculturaram, interligaram-se as famílias, rompendo, muitas vezes, dificuldades que os primeiros imigrantes traziam, sobretudo de ordem religiosa. Ascenderam na escala econômico-social imigrantes e seus descendentes, de sorte que as camadas dirigentes de Juiz de Fora contam hoje com numerosos destes, influenciando decisivamente nos destinos da cidade e do município. A pesquisa e o estudo disso, grupo por grupo, é que estão a reclamar dedicações como a do professor Wilson de Lima Bastos, semelhante à que nos mostrou, há algum tempo, Luiz José Stehling no tocante aos alemães. O que temos neste livro é um trabalho inicial de pesquisa, representado pelas entrevistas com os elementos sírios mais antigos e pelo levantamento das diferentes atividades desenvolvidas ontem e hoje pelos filhos do Oriente Médio, aqui estabelecidos. O autor promete um novo volume, em que tratará dos libaneses, cuja elaboração já vai adiantada. Por aqui se vê quais e quantos sírios vieram a ter em Juiz de Fora, onde se fixaram e formaram suas famílias, e desenvolveram suas atividades, e se tornaram pessoas estimadas e respeitadas, e contribuíram para o desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade de adoção. Os dados pessoais e familiares, colhidos pelo autor, assim como os aspectos biográficos dos entrevistados, vistos em conjunto, dão-nos uma visão sociológica e histórica valiosa da imigração síria e do que representa o esforço desses imigrantes, que fizeram do trabalho dedicado o instrumento de seu progresso pessoal e da comunidade que escolheram para viver. (Prefácio de Almir de Oliveira ao volume aqui registrado, recebido por cortesia do autor).

Flores, Moacyr – História do Rio Grande do Sul. Segunda edição revista e ampliada. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1988. 134 p.

Inegavelmente um dos historiadores de maior produtividade nas letras históricas sul-riograndenses dos nossos dias, o Professor Moacyr

Flores tem, a seu crédito, pelo menos meia dúzia de livros altamente significativos como trabalhos de pesquisa sobre a história de seu Estado, além de numerosa contribuição em revistas culturais, obras coletivas e anais de simpósios e congressos. Rara a publicação histórica do Rio Grande do Sul que não traga à sua contribuição, sempre valiosa. Suas preferências o têm conduzido para as Missões e para a Farroupilha, dois grandes temas da história gaúcha. Mas, no presente volume, apresenta-nos uma síntese da história sul-riograndense, destinada a estudantes e ao público em geral, “por sua linguagem simples e inteligível, sem os vícios da retórica acadêmica ou teoricismos”. E conseguiu. Os novos “donos da História”, que tanto se comprazem com teorizações quase sempre vazias e que não conduzem a nada, provavelmente não apreciarão um livro como este. Mas, os que se interessam realmente por História certamente o apreciarão. ONM (Cortesia do autor).

Leite, Luís-Philippe Pereira – Três sorocabanos no arraial: Mato Grosso nos seus primórdios. S.c.p.; s.d. 526p.

O “três sorocabanos”, a que se refere o título, são os bandeirantes Pascoal Moreira Cabral Leme, Miguel Sutil de Oliveira e... a imagem do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, “todos oriundos de Sorocaba”. O “arraial” é o agrupamento que deu origem a Cuiabá. Daí, o sentido do subtítulo: “Mato Grosso nos seus primórdios”. A obra – diz o autor – encerra a série de pesquisas que há muito encetara sobre o fascinante tema da mineração, formação dos arraiais e da Capitania de Mato Grosso. O assunto já havia sugerido ao autor outros trabalhos menores, mas todos significativos como resultado de demoradas pesquisas arquivais. Diz, ainda, o autor, que se sentirá pago se os seus trabalhos “servirem para perenizar a memória dos fatos e acontecimentos que enriquecem e ilustram a história de Mato Grosso, no momento em que assume papel de maior relevo na comunhão brasileira e em que, dentro e fora da Universidade, jovens estudiosos pesquisam os nossos problemas dando-lhes interpretação e solução adequadas”. Quanto a isto, pode ficar tranquilo o ilustre presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Mais ainda: traço expressivo de seus trabalhos (não apenas deste) e que nos parece pouco cuidado na bibliografia brasileira, é a história da transformação em núcleos urbanos dos antigos arraiais de mineração. Das três partes em que se divide o livro, a mais extensa (mais de trezentas páginas) é a que se refere ao “orago-mór”: nela se contém toda a crônica da Igreja do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, inclusive os fatos relativos à demolição do velho templo e à construção da

imponente catedral dos nossos dias. Constitui esta parte excelente subsídio à história religiosa de Mato Grosso, inclusive com incursões pela história social, e até pelo folclore. Entre os prefaciadores do livro, figura o saudoso Amidicis D. Tocantins, escritor cuiabano radicado em São Paulo e do qual já nos ocupamos a propósito de seu falecimento, há pouco ocorrido, na capital paulista. Frase auspiciosa, que não pode passar sem registro, à página 237: “A Universidade Federal de Mato Grosso, através de seu importante centro de documentação, está trazendo, faz algum tempo, dos principais arquivos portugueses o maior e melhor documentário que ali exista da fase colonial, relativamente a Mato Grosso”. Alvissaras! Quanto isto poderá beneficiar as pesquisas históricas sobre Mato Grosso! ONM (Cortesia do autor).

Leite, Luís-Philippe Pereira – Vida e glória de um cientista cuiabano. S.c.p.; s.d. 351 p.

Volume em memória de José Venâncio Pereira Leite, ilustre médico e cientista cuiabano que terminou seus dias, tão inesperada e prematuramente, como professor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Preparado pela dedicação fraterna do autor, consta o livro de duas partes: a primeira, contendo diversos trabalhos científicos do dr. Pereira Leite, e a segunda, contendo traços de sua biografia e, na realidade, verdadeiro documentário sobre sua vida e obra. Nascido em Cuiabá, aos 11 de março de 1920, fez os estudos de humanidades em sua cidade natal, seguindo, depois, para o Rio de Janeiro, a fim de cursar a Faculdade Nacional de Medicina, da Universidade do Brasil, pela qual se diplomou em 1944. Vinculou-se à própria Faculdade em que estudara e da qual se tornou livre-docente, até 1955, quando, a convite de Zeferino Vaz, veio para a Faculdade de Ribeirão Preto, da qual se tornou professor catedrático de Fisiologia. “No auge de uma carreira brilhantíssima, teve a glória de tombar no alto da sua cátedra, quando, na Universidade de São Paulo, participava de uma banca examinadora e arguia o candidato a titular, prof. Domingos Valente. Expirou treze dias após, deixando atrás de si rastro luminoso do seu profundo saber científico”. Volume profusamente ilustrado, com documentos que ilustram a carreira do cientista cuiabano. ONM (Cortesia do autor).

Neves, Ilka – Domingos José de Almeida e sua descendência. Porto Alegre, Edigal, 1987. 160 p.

Já nos ocupamos em mais de uma ocasião do grande líder farroupilha, Domingos José de Almeida, inclusive divulgando na íntegra seu

admirável manifesto de 29 de agosto de 1838, assinado também por Bento Gonçalves. Fizemo-lo, conforme foi declarado, em homenagem ao sesquicentenário da “Farroupilha”, que então se comemorava (1985). Na ocasião, o manifesto, um dos mais belos documentos da história política de nosso País, era praticamente desconhecido, pelo menos fora do Rio Grande do Sul, pois além da publicação original no jornal “O Povo”, de Piratini, só era encontrado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 26, de 1883. Pouco depois, (nº 126, de 1987) registramos a publicação em volume desse mesmo manifesto, juntamente com outro do mesmo líder, datado de 29 de outubro de 1835, em elegante edição da Comissão Executiva do Sesquicentenário da Farroupilha, e que nos foi gentilmente enviado pelo professor Astrogildo Fernandes, de Porto Alegre. Nesta última ocasião ocupamo-nos demoradamente do notável mineiro de Diamantina que se tornou uma das maiores figuras farroupilhas. Eis-nos, agora, diante de um exaustivo trabalho de pesquisa histórica e genealógica, apresentando-nos a descendência de Domingos José de Almeida. “Trazendo a público o resultado de uma ampla, paciente e segura investigação genealógica, vem colaborar com o universo de admiradores da história gaúcha e as justas aspirações de estudiosos e pesquisadores. O planejamento e a execução do livro obedeceram a uma sistemática fundamentada na pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas com descendentes, historiadores, genealogistas e pesquisadores, no Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia”. Com este precioso volume, quis a autora responder “presente” à chamada para as comemorações sesquicentenárias do grande episódio da história sul-riograndense. ONM (Cortesia da autora).

Pelegrina, Gabriel Ruiz/Serra, Nadyr N. — Ensaio da história da imprensa de Bauru. 28p. Bauru, 1987.

Em formato tablóide, distribuído como suplemento do “Jornal da Cidade” de 4 de outubro de 1987, eis-nos diante de uma excelente contribuição para a história da imprensa de Bauru. “Contar a história da imprensa de uma cidade, equivale a relatar um pouco da história da própria cidade...”, escreveram os autores, e por terem bem sentido isto, puderam produzir um trabalho sem par, que desconhecemos existir para outras cidades. Profusamente ilustrado, cuida de destacar a participação que os mais importantes jornais tiveram na vida da cidade. E foram muitos, a começar por “O Progresso de Bauru”, de 1905 (quando ainda se escrevia **Bahuru**...). Em 81 anos de imprensa, Bauru contou com mais de 120 jornais. Dos mais

importantes, os autores cuidam com ênfase; os demais são simplesmente arrolados. É uma pena que este importante trabalho não tenha sido tirado em livro. Sem menosprezar sua qualidade de “encarte” de um jornal, sua circulação obviamente ficou restrita aos leitores do jornal, uma vez que, segundo declaração expressa, não pôde “ser vendido separadamente”. Jamais o teríamos conhecido, não fora a cortesia de um dos autores, Gabriel Ruiz Pelegrina. E como “encarte” de jornal, por melhor que seja, não adquire o sentido de permanência que merece, pois nem todos o guardam. Mas, de qualquer forma, trata-se de um grande trabalho, dos melhores que, como homem de imprensa, temos visto neste país. ONM.

Rosa, Assis Pereira da – Diário de um peregrino. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1988. 166p.

Interessante reportagem de uma peregrinação à Terra Santa e a alguns centros religiosos da Europa, inclusive o de Medjugorge, na Iugoslávia, bastante em evidência nestes últimos anos. O autor é de Campo Grande, MS, e relata a viagem a partir de sua cidade. Observações válidas quanto aos costumes e particularmente aos aspectos religiosos das regiões percorridas. Vasta e variada interpolação de textos evangélicos de permeio à narrativa. ONM (Cortesia da Editora).

Soares, Iaponan – História do município de Biguaçu. Florianópolis, Associação dos Amigos do Arquivo Público, 1988. 110p.

Já nos ocupamos, há alguns anos (nº 114, de 1984) de uma interessante publicação, **Notícia histórica de Biguaçu**, dirigida pelos professores Iaponan Soares e Ana Lúcia Coutinho Loks, e da qual seis fascículos foram editados. Escrevemos, na ocasião: “A preservação da memória de Biguaçu é o ponto central da publicação. Que os prezados colegas possam levar avante sua tarefa no sentido não apenas de beneficiar os estudos históricos catarinenses, mas também de inscrever o nome da pequena cidade na bibliografia histórica brasileira”. É a um dos autores da referida publicação que devemos, agora, o volume que aqui se registra, com o qual “engrandece-se, no dizer do apresentador do livro, Prof. Walter F. Piazza, a historiografia catarinense, não só pela obra que se põe diante dos seus leitores, mas, principalmente pela lacuna que se preenche, tendo em vista a importância que a antiga Freguesia de São Miguel desempenhou nos quadros políticos, social econômico e cultural da terra

catarinense". Por outro lado, adverte ainda o professor Piazza, preenche outra lacuna, no que se refere ao estudo da orla litorânea catarinense. O livro é, pois, o estudo da evolução de um pequeno segmento desse espaço, em abordagem que vai das origens até 1983, data em que se comemorou o sesquicentenário da emancipação do município. ONM (Cortesia do autor).

\*

#### PERIÓDICOS

**Agora**, ano IV, nº 7, junho de 1988. Revista da Associação de Amigos do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. **Conteúdo:** A obra de José Gonçalves dos Santos Silva (Walter F. Piazza); Importância da documentação privada (Valéria Gouvêa Ghanem); Paróquia Evangélica de Santa Isabel: os primeiros pastores e os livros eclesiásticos mais antigos (Beat Richard Meier); Correspondência dos engenheiros aos presidentes de Província em Santa Catarina: sua importância como fonte histórica (Eliane Veras da Veiga); A heráldica, ontem e hoje (Edison Mueller). Contatos: rua Felipe Schmidt, 119, Florianópolis SC 88000.

**D.O. Leitura**, nºs 75 e 76, ago./set. 1988. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado. **Conteúdo:** nº 75: Folclore: cultura viva (Niomar de Souza Pereira); O fumeiro na mira do folclorista (Marcel Jules Thiéblot); Mamulengo, na magia dos bonecos (Cleide Alves); O Brasil nos mapas do século XVII (Rosemarie E. Horch); De escravas a senhoras (Luiz Mott); Caio Prado no Ceará (Valdelice Carneiro Galvão); Ensino técnico e artístico no Brasil: os pioneiros (Augusto da Silva Telles); Língua culta x dialeto coloquial: um falso dilema (Marleine Paula); Castro Alves vítima de atentado? (Franklin Maxado); Noticiário. Nº 76: Um século de vitral no Brasil (Maria Thereza Cavalheiro); Do lundu à modinha (Léa Vinocur Freitag); Da modinha ao samba (Régis Duprat); A Internacional do Carnaval (Ionaldo Cavalcanti); "A realidade é boa, o realismo é que não presta para nada" (Fábio Lucas); Francisco Lobo da Costa, um centenário a recordar (Ir. Elvo Clemente); Estrangeirismos que incomodam (Roldão P. Simas Filho); Por outras histórias do Brasil (Paulo Miceli); Heróis de papel (Franco de Rosa); A servidão negra (Carlos Cruz). Contatos: rua da Mooca, 1921 São Paulo 03103.

**Estudos Avançados**, vol. 2, nº 2, maio/agosto de 1988. Publ. do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. **Conteúdo:** Controle de armamento e poder militar (John Kenneth Galbraith); Notes toward fresh ideology (Richard M. Morse); Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna (Boaventura de Sousa Santos); Luzes e revolução na Colônia (Francisco J. C. Falcon); A percepção popular da Assembléia Nacional Constituinte (Florestan Fernandes). Contatos: Instituto de Estudos Avançados. Edifício da antiga Reitoria da Univ. de São Paulo, Cidade Universitária, São Paulo 05508.